

## O TEMPO LONGO DA PESQUISA E O TEMPO BREVE DA POLÍTICA: ENTREVISTA COM ALFONSO MAURIZIO IACONO

Murilo Gonçalves  
Doutorando em História (Bolsista CAPES)  
Universidade Federal de Goiás  
murilogoncalves.hist@gmail.com

Francesco Guerra  
Doutor em Discipline Filosofiche pela Università di Pisa  
Pós-doutorando e Professor Colaborador (PNPD-PPGH-UFG CAPES)  
fguerra@hotmail.it

**Revista de Teoria da História:** Professor Iacono, levando em conta o tema de nosso dossiê, como o senhor enxerga a constituição de sua própria história, sua trajetória pessoal, com a questão política? Isto é, como sua trajetória contribuiu para suas meditações e teorias a respeito da política?

**Alfonso Maurizio Iacono:** Encerrou-se há pouco na minha universidade, em Pisa, um congresso internacional sobre Marx (*Marx 201. Repensar a alternativa*), organizado por mim juntamente ao professor Marcello Musto da York University em Toronto, do qual participaram, entre outros, acadêmicos hispanofalantes como Elvira Conceira, da Universidade Autônoma da Cidade do México, e Alvaro Linera, vice-presidente da Bolívia, com grande participação, especialmente de jovens. A razão pela qual o menciono aqui é que minha comunicação de encerramento ocorreu nos seguintes termos: a mensagem é o entrelaçamento entre o tempo longo da pesquisa e da imaginação com o tempo breve da política e da vida cotidiana. Esse entrelaçamento, esse laço, pelo menos na Europa, está rompido. Reconstruí-lo é a tarefa de hoje se desejarmos retomar o laço entre a crítica do presente com a necessidade de um futuro alternativo. Minha pesquisa histórico-filosófica sobre a questão do outro, sobre a autonomia, sobre o iluminismo, sobre as contradições da modernidade, minha tentativa de relacionar a reflexão filosófica com a antropologia e sua história, sobre as desigualdades no capitalismo,

certamente influencia o que eu penso da e sobre a política e sobre o drama que sempre irrompe em política entre o decidir e o agir em tempos efêmeros e a relação disso com as ideias e visões de fundo. A epistemologia política é o estudo desse drama dialético entre, precisamente, o tempo longo da reflexão e o tempo efêmero da ação.

**RTH:** Apesar de sua formação em filosofia e sua prática como filósofo, o senhor manteve um constante diálogo com a disciplina da história, especificamente com a teoria da história. Poderia falar um pouco a respeito dessa relação? Ademais, como o senhor avalia a relação entre filosofia e história da filosofia?

**A.M.I.:** O entrelaçamento entre o tempo longo da pesquisa e o tempo efêmero da política tem relação direta com a história, com o fato de que, como diz Vico, somos nós que fazemos história e, por isso, podemos conhecê-la. Mas, atenção! Conhecer a história não é algo simples. Vico nos convida a manter o sentido da complexidade. Um convite que retorna no século XX com outro italiano, Primo Levi, que em *Os afogados e os sobreviventes* nos convida a não simplificar fatos, processos e eventos. A complexidade da história deriva do fato de que ela é baseada na mudança. Isso coloca em crise a tendência de exceder as hipóteses de estruturas permanentes (o tempo longo não é a eternidade), mas também deve ser colocada em crise a tendência de encontrar continuidades onde há rupturas. A filosofia para ser tal deve, em todos os casos, colocar o problema da sua história (que certamente não se restringe à história dos filósofos). Não somente, o problema da história deve ser trazido à luz. E isso é fortemente acentuado com a modernidade, que pressupõe epistemologicamente a pergunta histórica sobre o presente e sobre o que é a atualidade.

**RTH:** Considerando duas figuras relevantes em sua formação, Nicola Badaloni, figura importante do marxismo italiano, e Aldo Gargani, grande especialista do Círculo de Viena e, especialmente, de Ludwig Wittgenstein, como o senhor se posiciona em relação ao marxismo à luz desses relacionamentos? Parece o itinerário de um tipo de marxismo epistemológico, isto é, de um marxismo entendido como uma teoria do conhecimento. Como isso se dá?

**A.M.I.:** Penso que após a queda do muro de Berlin e o fim do *socialismo real*, e, mais recentemente, após a crise econômica mundial de 2008 e a propagação neoliberal do que é chamado de *realismo capitalista*, somos levados de volta a Marx e à sua análise do sistema capitalista sem a influência ideológica que o envolvia. O fato é que, apesar de tudo, apesar das grandes mudanças políticas, sociais e tecnológicas que ocorreram desde a década de 1980, as contradições do capitalismo ainda estão aí e de fato aumentaram, como também as desigualdades se acentuaram, a exploração aumentou (mesmo que tenham mudado em parte suas formas); uma situação que está levando, ou talvez já tenha levado, a poluição e a situação ambiental a um ponto sem retorno. Estou falando de Marx, não do marxismo, pois o último é um termo que não cabe para mim, quase me sufoca, tende a impor a mim uma identidade que corre o risco de se tornar uma etiqueta e uma simplificação. Dos ensinamentos de Badaloni e de Gargani eu aprendi em primeiro lugar a liberdade de pensamento e a distinção (que hoje vejo perigosamente em crise) entre argumentos e pessoas, uma distinção que é epistemologicamente transversal em relação às ideologias. Badaloni, historiador da filosofia, era marxista, um dos mais importantes marxistas historicistas. Quando cheguei a Pisa com outros estudantes, era 1968, nós os contestávamos sobre o continuísmo histórico e político, contrapondo-os ao marxismo anti-historicista de Althusser e de sua escola, mais sensível ao tema da ruptura. Era um debate teórico e político que produziu novas reflexões e aberturas. Mas me impressionou o seu senso da história, o seu desejo de saber. Foi essa grande bagagem cultural que fez dele ao mesmo tempo um homem de partido e muito aberto à alteridade. Gargani, também historiador da filosofia, interpretava essa disciplina em uma chave fortemente epistemológica. Um livro como *Il sapere senza fondamenti* foi o resultado de grandes mudanças produzidas desde 1968. Sua crítica aos fetiches epistemológicos foi herdada por mim em meu trabalho *Teorie del feticismo*, cujo corte historiográfico é certamente devido ao ensinamento de Badaloni. Hoje retornei à questão do fetichismo da mercadoria em uma chave que julgo nova e na qual estou ainda trabalhando. Finalmente, o sentido da história e da filologia devo a Arnaldo Momigliano e ao seu historicismo revisitado. Foi ele quem me fez refletir sobre a mudança como sentido da história e do historiador.

**RTH:** Há vários anos se ouve muito falar, no âmbito político, do fim das ideologias. Por isso, a pergunta, em tom provocativo: ainda faz sentido, hoje, falar de esquerda e direita, ou, frente

a tal fim das ideologias, não seria melhor considerar a política como dividida em reformismo e conservadorismo? Reformista e conservador não entendidos porém como posições definidas, mas variáveis, dependendo do objeto político em questão. Ou, ao contrário, o posicionamento entre esquerda e direita ainda é uma alternativa que faz sentido?

**A.M.I.:** Penso que hoje, mais do que nunca, faz sentido falar de esquerda e de direita. Continuo a pensar que, como Norberto Bobbio já havia argumentado, a esquerda se caracteriza pela questão da igualdade. Ainda mais hoje, quando as desigualdades aumentaram, é colocado um problema da e pela esquerda. O fato que esta, em muitas partes e sobretudo na Europa, já não sabe pensar em termos de alternativa e de futuro, diz muito sobre o estado de instabilidade em que se encontra, totalmente imbuída do famoso ditado da Sra. Thatcher: *The is no Alternative* (TINA) e da ilusão de poder domar o neoliberalismo, mas não tira a necessidade da existência da esquerda em um mundo de desigualdade.

**RTH:** Um tema do qual tratou se refere à relação entre menoridade e autonomia individual. Como o senhor enxerga essa questão na sociedade contemporânea? E, no tempo presente, quais são as condições para se pensar a possibilidade de autonomia do indivíduo na era digital?

**A.M.I.:** Quando escrevi *Autonomia, potere, minorità*, admiti que havia enfrentado a questão da autonomia em termos individuais e afirmei que a questão da autonomia coletiva ainda precisava ser enfrentada. Hoje acredito que o tema fundamental seja a cooperação que da faculdade da espécie humana se tornou o melhor meio de exploração do homem sobre o homem. No trabalho essa cooperação está escondida, na vida fora do trabalho a encontramos à margem, em associações solidárias, no voluntariado, em momentos em que é necessário enfrentar catástrofes naturais e humanas. Hoje, a cooperação está sendo absorvida pela audiência, no sentido em que estamos todos nos tornando espectadores passivos. Mas um espectador está sozinho em uma multidão e no escuro. A multidão pode ser tão real quanto no cinema ou imaginária como quando se está de fones de ouvido no computador ou no tablet, mas é sempre uma multidão, isto é, uma soma de indivíduos isolados que não realizam cooperação. Com as novas tecnologias, estamos todos, como se diz, isolados e conectados. A conexão com o mundo hoje,

paradoxalmente, agrava a solidão. Além disso, nunca estamos em um lugar determinado, porque estamos aqui e alhures ao mesmo tempo. Nós escapamos de nós para não nos encontrar em uma patologia generalizada de narcisismo.

**RTH:** Em *L'evento e l'osservatore* o senhor empreende uma crítica, baseada em uma epistemologia da complexidade, ao esquematismo da dualidade sujeito - objeto. Como o atual cenário do mundo virtual e da inteligência artificial afeta ou altera essa crítica?

**A.M.I.:** *L'evento e l'osservatore* tentava reunir uma epistemologia da história com a ideia de que o observador é interior ao sistema observado. Essa última convicção, que começou a difundir-se no mundo das ciências naturais, corresponde, na minha opinião, ao que os historiadores sempre souberam. Trata-se do tema que já mencionei, de Vico e do fato de que podemos conhecer aquilo que fazemos. Com esse livro tentei relacionar a tradição historicista (porém através de Vico e Droysen, mais do que de outros), com as teorias da auto-organização (Atlan) e da *autopoiesis* (Maturana e Varela), revisitando um dos pais da medicina moderna, Claude Bernard, através das lentes de Georges Canguilhem. Sustentei a ideia de que não há descrição sem interpretação e como essa sempre foi a crença dos historiadores, o dado novo e interessante foi o fato de que físicos e biólogos a abordavam mesmo em um contexto teórico e cultural em que, graças também à noção de complexidade, acabava a obsessão de um único conhecimento científico e de uma única epistemologia científica. Em essência, afastamo-nos tanto da concepção positivista que queria reduzir as ciências histórico-sociais ao método das ciências naturais quanto da concepção historicista que admitia uma irreducibilidade irremediável entre as ciências histórico-sociais e as ciências naturais. Nunca pensei que a inclusão do observador no contexto da observação levasse ao subjetivismo. No entanto, levou à revisão do próprio conceito de objetividade e introduziu o conceito de relacionamento dentro da relação sujeito-objeto.

**RTH:** A relação entre filosofia, antropologia e política parece ser um interesse desde o início de sua carreira acadêmica. Seria correto afirmar que às três disciplinas o senhor acrescentou ultimamente a dimensão estética, com os temas da representação, imitação e ficção? Caso seja, como enxerga essa mudança?

**A.M.I.:** Não é fácil responder a essa questão, porque é verdade que os meus últimos interesses dizem respeito aos temas da representação, da imitação, da fantasia, mas o meu olhar está posto sobretudo em questões de conhecimento e representação em termos teóricos e históricos, em vez de estéticos, mas é igualmente verdade que são tópicos tratados na estética. Em particular, recorri à questão da *fiction* entendida como uma ilusão que faz parte da verdade mais do que da mentira. Vico criticava Descartes, afirmando que o verossímil está mais próximo do verdadeiro que do falso. Minha teoria dos *mundos intermediários*, baseada fundamentalmente no jogo, na pintura e no teatro, através da imagem dos gatinhos que brincam (variação dos macacos de Gregory Bateson) e em relação à *Montanha Sainte-Victoire* de Cézanne, supõe a centralidade da *fiction* como construção de um mundo que imita um outro mundo, mas que conquista sua autonomia, permanecendo dependente daquele do qual surgiu e que imitou, sem contudo estar mais subordinado a ele, em suma, uma dialética escravo-senhor que se torna uma dialética entre representação-escravo e a coisa representada-senhor, mas onde o que importa é a relação. No caso dos gatinhos, a construção de uma *fiction* é cooperativa, implica um acordo e um fornecimento de sentido, comporta a manutenção do conteúdo metafórico do jogo pelas regras (o gato que morde corresponde ao quadro do jogo), o aprendizado da liberdade como limite para ceder espaço ao outro. O jogo é o aprendizado para atravessar mundos intermediários dotados de sentido, mundos intermediários, sendo que o sentido deles depende de outros mundos. Tudo isso é antropologia, pedagogia, psicologia, política, estética. Eu não sei. Para mim é filosofia.

**RTH:** O senhor concedeu uma atenção especial ao tema do fetichismo em seus trabalhos. Qual foi a sua motivação e interesse em pesquisar o conceito de fetichismo? De que modo o senhor pensa que tal conceito contribui para a reflexão sobre as relações sociais e sobre a política de um modo geral?

**A.M.I.:** A minha pesquisa sobre fetichismo diz respeito essencialmente a duas questões:

a) Qual é a relação entre a representação e a coisa representada? Como podemos tratar a representação quando ela esconde a inevitável dissimetria e diferença entre ela mesma e a coisa representada? Quais são os modos de representar do observador?

b) Como é que uma coisa toma o lugar de uma pessoa e se autorrepresenta quase como um ator na frente de um espectador? É o que faz a mercadoria. Por que nós atribuímos relações humanas a elas? Quando perdemos o senso crítico, a substituição entre coisas e pessoas parece natural. Um dos grandes perigos que corre o conhecimento não é apenas o fato de que suas aquisições históricas podem ser perdidas, mas também que ele se naturalize, na medida em que se configura como a perda da diferença entre representação e coisa representada. Quando uma visão de mundo se naturaliza, torna-se senso comum, um conjunto de valores compartilhados que se cristaliza em ideologia. Quando isso acontece, o preconceito triunfa e, por exemplo, uma pessoa se torna racista com a convicção de estar certa e de acordo com o bem. É verdade que isso não pode ser feito sem valores compartilhados, isto é, senso comum, mas também é verdade que sem reflexão crítica, sem filosofia crítica, se afoga no preconceito que dá uma falsa segurança coletiva e comunitária. Eu ainda estou parafraseando Vico que, evidentemente, está mais presente em mim do que eu penso. Por essa razão, a análise marxista do caráter fetichista das mercadorias permanece válida mais do que nunca em um mundo em que tudo é mercantilizado e toda representação se torna um espetáculo no qual as mercadorias são atrizes e os seres humanos são espectadores. Se os seres humanos não querem ser meios simples de uso para a produção, circulação e troca das mercadorias e, assim, assistir ao espetáculo que elas oferecem impondo-se, os humanos devem reverter as coisas e tornarem-se atores novamente.